

ISSN 1414-9404

# FRAGMENTOS

INSTITUTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA DE GOIÁS/SOCIEDADE GOIANA DE CULTURA/UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

# DE CULTURA

8  
ITEG

11.1  
Editora da  
UCG

## COMUNICAÇÃO, IGREJA E NOVO MILÊNIO

Pedrinho A. Guareschi\*

*Resumo: o texto contém, de início, uma análise da passagem para o novo milênio, quando parece delinear-se "um novo mundo (...) onde se chega a falar até no surgimento de um novo ser humano". Particulariza-se o tema da 'realidade virtual', cujos componentes e situações levam a "novas possibilidades de ação e existência". Entre as possibilidades, nivelando-se com o processo de virtualização, emergiria uma 'inteligência coletiva', como resultado da 'fundamental convergência das novas tecnologias comunicativas'. Na segunda parte, o texto trata dos desafios decorrentes da realidade e suas possibilidades, quanto à situação do homem no ciberespaço e à sua integração na 'telêpolis'. Expressivo é o desafio à fé: como fazer o Evangelho presente no contexto da realidade virtual? Finalmente, o texto relaciona a nova realidade à "possibilidade real de uma nova democracia", que, de fato, tornaria efetiva a participação, em lugar de mera representação democrática.*

*Palavras-chave: comunicação, fé, democracia, Internet.*

Foi-me solicitado que colaborasse, dentro de minhas possibilidades, para uma reflexão sobre algumas relações entre Igreja e Comunicação, nessa passagem do milênio. A proposta inicial sugeria algo ligado ao marketing e igreja. Sem abandonar o tema sugerido, pensei ampliá-lo e tentar uma sua compreensão mais ampla e aprofundada dos novos modos de ser que se estão fazendo presentes no mundo da comunicação e da informação. Seria um truismo dizer que vivemos um tempo de fluxos e

\* Doutor em Psicologia Social e da Comunicação pela University of Wisconsin, Estados Unidos. Professor e pesquisador na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

sinergias, de trânsitos e interfaces. A incontornável aceleração tecnológica põe em xeque o que conhecemos sobre a vida social. As teorias já não dão conta de sistematizar, de poder compreender ou poder explicar os acontecimentos que se sucedem vertiginosamente. Quando pensamos ter podido traçar precárias generalizações, ou constantes, sobre determinada realidade, vemos, subitamente, que nos faltam os pés, e corremos o risco de sucumbirmos e mergulharmos num oceano de transformações e incógnitas. A terra se sente comprimida. As informações saem e chegam, aos turbilhões, sem intervalos, num tempo que se esvanece e se restaura em segundos. Normal, pois, que os equilíbrios estremeçam.

Vivemos, na verdade, um novo modo de desenvolvimento, dentro do modo de produção capitalista. Distinguimos entre modo de produção (as forças e relações de produção que, junto com o jurídico, o político e o ideológico definem determinada sociedade), do modo de desenvolvimento, que se refere ao fator responsável, em dada sociedade, pela garantia de maior produtividade de determinado modo de produção. Houve, assim, um tempo em que a produtividade era garantida pela terra; posteriormente, o fator de produtividade mais importante foi a indústria; hoje, a produtividade está ligada à informação (Castells, 1998). Os lucros, hoje, dependem de como as diferentes empresas conseguem se informatizar e ter acesso às redes de comunicação. Se quisermos, de modo análogo, falar talvez não em produtividade, mas em eficiência e eficácia na tarefa de Evangelização, temos de tomar em consideração a questão da informação. Vivemos a era da informação. É o que veremos a seguir.

Mais que isso, contudo, parece delinear-se, nesta passagem do milênio, um novo mundo, que não se restringe apenas a fatores externos na comunicação, mas que remete a fatores muito mais profundos e desafiantes, e onde se chega a falar até mesmo no surgimento de um novo ser humano. As hipóteses de McLuhan, de que o meio de comunicação define o tipo de ser humano, parecem tomar hoje formas mais definidas, não apenas no que se refere ao ser humano, mas também no que se refere à própria concepção de realidade, de mundo, e do existir nesse mundo. Novas formas de subjetivação, novas formas de virtualização. Como afirma Lévy, 1997:

*Um movimento geral de virtualização afeta hoje não apenas a informação e a comunicação mas também os corpos, o funcionamento econômico, os quadros coletivos da sensibilidade ou o exercício da inteligência. A virtualização atinge mesmo as modalidades do estar junto, a constituição do 'nós': comunidades virtuais, empresas virtuais.*

*democracia virtual (...) Embora a digitalização das mensagens e a extensão do ciberespaço desempenhem um papel capital na mutação em curso, trata-se de uma onda de fundo que ultrapassa amplamente a informatização.<sup>3</sup>*

Tentamos penetrar, com cuidado, nesse novo mundo que apenas vislumbramos. Sem catastrofismo, nem atitudes irrealisticamente eufóricas. Mas com humildade e cuidado, com decisão e perspicácia. Vou dividir a reflexão em duas grandes partes: em primeiro lugar vou tentar situar a problemática geral, para se poder entrever melhor as novas realidades nascentes. Tentarei, na medida do possível, mapear e relacionar os diferentes fenômenos que se nos apresentam. Num segundo passo, pretendo discutir quais as possíveis implicações desse assim chamado "novo mundo" para pessoas que pretendem não apenas permanecer como espectadores, mas que estão dispostos a atuar como participantes e sujeitos na construção dessa nova sociedade; pessoas que querem ser agentes - e não apenas objetos - das forças que se querem deterministas e fatalistas, mas que, na verdade, respondem a interesses relativamente claros, subordinados, na maioria das vezes, a uma "lógica mercadológica". O que se vê, parece-nos, escamoteado pela ideologia da globalização, são as relações assimétricas de poder, traduzidas, por exemplo, nas distorções que atravessam o campo comunicacional. A inegável multiplicação das ofertas culturais encontra-se, em maior ou menor grau, sob a tutela de oligopólios de enunciação e difusão, cada vez mais diversificados e gigantescos, favorecidos pelas desregulamentações neoliberais e pela deserção das esferas públicas de sua missão reguladora.

Uma nota antes de iniciar o tema: muitas coisas do que iremos abordar podem dar a impressão de serem mais fantasia e imaginação; na verdade já são coisas concretas. Se não estão ainda generalizadas para a grande maioria da população, ou se estão ainda acontecendo em alguns países, isso não quer dizer que irão se tornar comuns dentro de pouco tempo. É certo que virão. Importante, por isso, pensá-las antes que seja tarde e que passem a nos dominar mais ampla e profundamente.

## CARTOGRAFANDO O MUNDO INFORMACIONAL

Entre os inúmeros pontos que poderiam, e deveriam, ser discutidos na tentativa de compreensão mais aprofundada do mundo informacional que se coloca diante de nós privilegiamos a discussão de apenas algumas características mais importantes. Iniciamos elencando alguns dados, para discutir, a seguir, alguns conceitos centrais.

## Alguns Dados do Fenômeno

"Daqui para a frente, tudo vai ser diferente": a frase pode representar o que a Internet está fazendo conosco e com a sociedade. Nunca foi tão fácil ter acesso a tamanha quantidade de informações e de fontes tão diversas. E não apenas o acesso ao conhecimento está mudando: a Internet está modificando a forma como as pessoas se relacionam, como aprendem (estudo à distância, escolas como decifradores e formadores de consciência crítica para selecionar as informações), como compram (cada dia 3% dos consumidores norte-americanos fazem compras pela Internet, e há 30 milhões de compradores *online* hoje, sendo previstos 75 milhões em 2002), como consultam médico, e até mesmo como as pessoas fazem sexo. A pergunta que se poderia fazer, a partir do nosso tema, é: a Internet incorpora também alguma prática diferente no que se refere ao religioso e ao Evangelho?

Alguns dados dessa era chamada de revolução na informação:

- O jornalista Otávio Frias Filho,<sup>1</sup> diretor editorial da *Folha de São Paulo*, na página Opinião do dia 17 de fevereiro desse ano, assim se expressa:

*A Internet passa por uma expansão que se poderia qualificar de 'exuberância irracional. (...) As expectativas catastróficas se baseiam na idéia de que a rede não é mais uma nova mídia, mas simplesmente a mídia. As expectativas podem ser exageradas, seu fundamento, não. Todas as formas de comunicação – desde a mera troca de correspondência até a própria TV – convergem para a rede, dando razão às profecias que anunciavam esse efeito unificador de linguagens há cerca de dez anos. (...) Muitos temem pelo futuro não só de jornais e revistas em seu formato impresso, mas do próprio jornalismo nesse novo ambiente.*

- Iridium é o primeiro consórcio de telefonia por satélite do mundo. No dia 22 de julho de 1998, 415 milhões de pessoas, de 50 países (inclusive o Brasil), depararam-se com o mesmo anúncio numa agência americana: liderado pela Motorola, o consórcio de 18 grupos gastará 5 bilhões de dólares para fazer funcionar o aparelho da Iridium, que localiza o usuário em qualquer lugar do mundo, por meio de uma constelação de 66 satélites em órbita a 780 kms de altitude, ligados às redes de telefonia fixa e celular por estações terrestres. Os anúncios foram publicados simultaneamente em 350 jornais e 500 revistas, ao custo de 140 milhões de dólares.

- Em 2002, 95% dos computadores dos EE.UU. estarão ligados à Internet.
- A maior rede de livrarias dos EE.UU., com 260 filiais, vale um bilhão. A Amazon, que em dois anos aumentou seus clientes de 2 para 11 milhões de pessoas, totalmente ligada à Internet, vale 22 bilhões.
- Os negócios eletrônicos entre empresas vão dobrar a cada 12 meses, nos próximos 5 anos. O valor negociado entre companhias no ano de 1998, de 43 bilhões de dólares, deve saltar para 1,3 trilhões em 2003.
- Desaparece o intermediário e surge o informediário, o cybermediário, que se encarregaria de providenciar as informações e fazer os controles.
- A Dell inaugurou em Porto Alegre a filial no país. Michael Dell, do Texas, tem 34 anos. A Dell trabalha com estoque zero. Todo micro que é montado, já foi comprado. Ela vende 18 milhões de dólares por dia, quase um milhão por hora. O comprador liga-se, pela Internet, diretamente com a fábrica, sem atravessadores, escolhe o tipo de máquina que quer, faz o pedido e paga com cartão de crédito. Trabalhando no regime de *just in time* a Dell começa a montagem do computador que o comprador imaginou e minutos depois ele está na *home page* da companhia. Em segundos a ordem está chegando a alguma fábrica da Dell, levará de 2 a 14 horas para ser montado e no espaço de uma semana a encomenda está na casa do cliente. O tempo maior é basicamente o do transporte.

E assim muitos outros fatos poderiam ser acrescentados. Esses são suficientes para nos dar um rápido panorama do nosso admirável novo mundo.

## A Comunicação Digital

Um dos fenômenos mais fascinantes que subjaz às atuais transformações é o fato de se ter conseguido, finalmente, uma linguagem comum que dá conta, por um único sinal eletrônico, baseado em *bits*, unir a escrita, a imagem e o som. A linguagem digital conseguiu tal prodígio. Tínhamos antes os livros, os jornais, as revistas para os escritos e textos, que davam razão a instituições e organizações como editoras, bibliotecas, livrarias; tínhamos o desenho e a imagem para poder copiar, fotografar, retratar paisagens, pessoas e objetos, cada um com suas organizações; finalmente, tínhamos as gravadoras de discos, os aparelhos magnéticos etc. para podermos reproduzir os sons, desde o sino, até a própria voz. Tudo isso foi sintetizado numa única linguagem: *bits*, que formam dígitos, que reproduzem sons, imagens e textos. Essa a revolução que estamos presenciando.

É mais, conhecíamos, historicamente, duas formas de comunicação: a comunicação individual e a comunicação coletiva. Uma terceira forma está se apresentando e se impondo rapidamente: a comunicação digital. Aqui é o meio que define a situação comunicativa, que a modifica e que eventualmente a constrói.

### O Ciberespaço

O termo ciberespaço (*cyberspace*) foi cunhado pelo escritor de livros de ficção William Gibson, e é empregado para indicar o ambiente virtual. Note-se que virtual possui aqui sentidos diversos. Como veremos no ponto seguinte, a partir da conceituação de Lévy, a realidade virtual é uma realidade que se contrapõe à realidade atual; é uma realidade potencial. Mas quando se fala em espaço virtual apenas analogamente nos referimos à definição acima, pois espaço virtual está ligado aqui a um ambiente eletrônico energético que dá suporte à linguagem digital. O ciberespaço é um objeto comum, dinâmico, construído, ou pelo menos alimentado, por todos os que o utilizam. Ele possui um caráter de não-separação, por ter sido fabricado, ampliado, melhorado pelos informatas que, em princípio, eram seus principais usuários. E ele se constitui como uma mediação, por ser ao mesmo tempo comum a seus produtores, a seus exploradores e a seus consumidores.

O ciberespaço oferece objetos comuns que rodam entre os grupos, memórias compartilhadas, hipertextos comunitários para a constituição de coletivos inteligentes.

Difere da televisão, pois essa está dominada e é dirigida por grupos poderosos. Seus donos fazem suas vítimas entre a massa de indivíduos separados e impotentes. Também deve ser distinguido das "supervias eletrônicas", que põem em cena um território (as redes físicas, os serviços com pedágio), em vez de objetos partilhados e comuns. O ciberespaço resulta, originalmente, de uma virtualização dos computadores. Mas a supervia eletrônica pode reificar esse virtual, dando-lhe um caráter mercantil.

Para Lévy, 1997, o ciberespaço é o "objeto", por excelência, do processo de virtualização. Ele é a ligação, o mediador da inteligência coletiva. É o mesmo para todos, mas é diferente para cada um, pois cada um se encontra, em direção a ele, numa posição diferente. Ele marca as relações, circula entre os membros, encontra-se simultânea e alternadamente nas mãos de todos. Cada um pode inscrever nele sua

ação, sua contribuição, seu impulso, sua energia. Leva o todo até o indivíduo e implica o indivíduo no todo. Contido e controlado pelos grupos que o constituem, o objeto permanece no entanto exterior, 'objetivo', uma vez que não é membro do grupo como um outro sujeito.

Surge, contudo, uma contradição nesse processo, pois o objeto, em vez de conduzir atos, pode também degradar-se em coisa, reificar-se em presa, em território. Conforme a função que a fazemos desempenhar, a mesma entidade pode ser coisa ou objeto. Isso acontece, contudo, quando esse objeto, em vez de se originar de uma criação comum, é controlado por grupos que detêm os conteúdos (os oligopólios da informação e da comunicação, como as televisões, especialmente), ou por grupos que controlam as "supervias eletrônicas" (os donos das grandes redes virtuais, como a Internet). Lévy estabelece, contudo, uma aproximação positiva e construtiva à questão da informatização. Sem deixar de denunciar os perigos, procura ver, nesse novo mundo, luzes que nos poderão guiar por rumos mais humanizantes e livres.

Ferrarrotti assume também essa perspectiva otimista e construtiva e considera o ciberespaço como "uma instância que dá ocasião à máxima articulação das mensagens e da inteligência. A inteligência coletiva que se desenvolve no ciberespaço é um processo de crescimento que chega a ser ao mesmo tempo coletivo e diferenciado, geral e específico (...) é uma inteligência distribuída por todo o lugar".<sup>4</sup>

O ponto crucial, contudo, e contraditório, é que ele pode dar a ocasião, mas não garante tal processo. Sartori<sup>5</sup> comenta que a "cibernavegação permite o crescimento de uma inteligência articulada e difusa. Mas permite também o crescimento de uma igual difusa estupidez ligada a um magma indiferenciado. Os possíveis são muitos. Entre um permitir e um atuar existe um mar. É o 'possível' que seduz. Ferrarrotti parece-me altamente improvável".

### A Realidade Virtual

Entre as diversas discussões sobre esse tópico, privilegiamos a discussão de Lévy, pois parece-nos ser a que melhor visualiza a problemática, não apenas superando a tentação, sempre presente em tais situações, de ou apresentá-la como algo promissor e fantástico, de um lado, ou dentro de uma atitude catastrófica, do outro.

Há duas acepções de virtual. Na acepção mais popular, presente em revistas de divulgação científica, virtual passou a designar uma

realidade especular à nossa, capaz de simular propriedades reais e concretas e de distorcê-las; chega a redesenhar as leis da física e a desafiar-las; uma realidade paralela de tal modo perfeita, que chega a nos confundir, e agimos como se, de fato, ela fosse concreta. É, por assim dizer, um mundo alternativo. Todos já viram, certamente, as máquinas dotadas de grandes visores de cristal líquido, onde as pessoas entram e passam a navegar por mundos fantásticos, guiados por uma luva alongada que funciona como um banco de dados, como um enorme *mouse*, com o qual os navegadores escolhem suas possíveis alternativas. Tal experiência passa a ser uma aventura mental e corporal que já chegou a ser comparada à droga. Nessa nova dimensão torna-se fácil mover-se e interagir com os objetos com que se entra em contato. Devido ao alto grau de simulação a que é possível chegar, não se pode saber o que pode resultar dessa interação entre mente e computador. O mais insidioso, reconhecem alguns pesquisadores, é que essa realidade possa operar autonomamente com respeito à mente, e o sujeito não saiba mais distinguir entre o interno e o externo; não consegue mais distinguir entre as duas realidades, a concreta e a virtual, que correm paralelas. Todas as recepções sensoriais, através dos olhos, dos ouvidos, do tato, todos os vínculos, todos os impulsos sensoriais que chegam à mente não provêm de um mundo externo, mas são controladas por um computador que, naquele momento preciso, está inventando aquela realidade, e nem por isso ela é menos verdadeira, menos convincente. Sabemos que a realidade física se funda sobre leis precisas. Mas sabemos também que a realidade virtual pode distorcer tranqüilamente as leis da física. Posso tirar gravidade dos corpos, imaginar estar voando, criar mundos fantásticos e estar ao mesmo tempo convencido de sua profunda veracidade.

Essa é uma aceção de realidade virtual. Mas a partir de tais experiências e possibilidades, alguns filósofos começaram a pensar que por detrás de tais situações poderiam esconder-se novas possibilidades de ação e existência. Na discussão que eles estabelecem, o virtual não se opõe ao real. O virtual se opõe, isso sim, ao atual, ao concreto. Mas tanto o virtual, como o atual, são 'realidades'. Na linguagem comum se toma virtual como se não tivesse existência, como se fosse algo ilusório, ou mesmo irreal. Essa percepção é falsa e não corresponde nem à própria etimologia da palavra "virtual", que provém de *virtus*, isto é, virtude, e a virtude é uma força, uma potência. O virtual existe, então, mas em potência, e não em ato. Mas existe, como existe, por exemplo, numa semente, a potência de ela se tornar árvore.

Ajuda nos aqui, creio eu, um paralelo entre o virtual e o histórico. Muitos confundem historicidade com facticidade. A facticidade, os acontecimentos, são realidades concretas, vividas em determinado tempo. Mas historicidade é diferente de facticidade: historicidade é a qualidade de um fato de ele ser relativo, incompleto, temporário, precário. Nesse sentido todos os fatos são 'históricos', mas o histórico não se restringe, nem se resume, no presente, no que está aí, no que se concretizou. O histórico implica também o futuro, o que virá, que também é 'realidade', mas não a realidade existente aqui e agora, ou no passado, mas a realidade 'virtual', o que está em germe presente no existente aqui e agora. Colabora na compreensão dessa discussão a concepção de utopia, como apresentada por Morus. Na ilha da Utopia de Morus os habitantes elegiam seus representantes. Alguém pode logo dizer: mas nós aqui também elegemos nossos representantes! Acontece, porém, que na situação histórica vivida por Morus os governantes eram apontados por algumas pessoas, ou ascendiam ao trono por herança. O fato de as pessoas escolherem era uma realidade, mas uma realidade em potência, era projeto, na mente dos que pensavam 'historicamente', 'virtualmente'. E ainda mais: na ilha da Utopia os governantes que não correspondessem àquele fim para o qual tinham sido eleitos, eram colocados na prisão. Acontece, hoje, algo semelhante em alguma de nossas sociedades! Mas nem por isso esse projeto de "perda de mandato" deixa de ser 'realidade' mas uma realidade 'histórica', 'virtual', 'utópica'. Santos, 1996, define utopia como a "arqueologia" virtual do presente, que pode conter em si mil outras realidades.

É importante ainda distinguir entre o virtual e o possível, como faz muito bem Lévy, baseado em Deleuze (1968). O possível, embora não seja algo concreto, já está todo pronto e planejado. Só será aquilo para que foi pensado e constituído. Nada mudará em sua natureza. Como diz Lévy, 1996, "o possível é exatamente como o real: só lhe falta a existência". Já o virtual, ao se tornar atual, passa por uma criação, por uma produção inovadora. O virtual é o que Freire chamaria de "situação problematizadora": ele se constitui como uma interrogação, como um desafio, que pode receber milhares de respostas diferentes, que podem variar infinitamente, dependendo da criatividade e da organização dos participantes. Toda organização, por exemplo, carrega e produz milhares de virtualidades. Mas é o virtual que vai constituir o fenômeno: "as virtualidades inerentes a um ser, sua problemática, seu nó de tensões, de coerções e de projetos que o animam, as questões que o movem, são uma parte essencial de sua determinação".<sup>6</sup>

A distinção acima é importante, pois se introduz nela a dimensão da **criatividade humana**, que supera determinações. O possível é a saída **necessária do real**. O virtual é, ao contrário, um seio preenche de mil diferentes atualizações que os grupos humanos, cada um a seu modo, podem atualizar. **E é a partir daqui que Lévy estabelece a distinção fundamental entre realização e atualização**: a realização é a concretização de um estado pré-definido; a atualização é uma criação, uma invenção, uma solução dada a uma problemática a partir de discussões conjuntas de alternativas diversas que se nos apresentam. A 'virtualização' é, pois, uma dinâmica, um "movimento inverso da atualização". Consiste em tomar o real atual, presente, e descobrir nele as mil formas diferentes af existentes; em transformá-lo novamente em 'problema', para fazê-lo, por assim dizer, partir muitas outras formas de concretizações. Parte-se de uma solução dada à descoberta de uma problemática maior, para daí reinventar novas formas de ser, de atuar, de existir. Veremos adiante, ao discutirmos a questão da evangelização, a importância desse processo de 'virtualização'.

#### A Inteligência Coletiva

Esse é um conceito que retorna à discussão, em nossos dias, mas que já foi apresentado por muitos pensadores em diversas épocas, como, por exemplo, por McDougall apud Farr, 1998, com sua discussão sobre "mente grupal". Lévy, 1996, 1997, traz essa discussão para a era da comunicação digital, do ciberespaço e da realidade virtual. Para ele, não se trata apenas de algo analógico à inteligência humana e singular, mas é possível falar de "uma inteligência sem consciência unificada ou de um pensamento sem subjetividade". Para isso, é necessário redefinir as noções de pensamento e de psiquismo para que se tornem congruentes com as sociedades. Os seres humanos seriam neurônios de um hipercórtex planetário. Também seria importante e urgente marcar as diferenças entre espécies de inteligência coletiva, em particular as que separam as sociedades humanas dos formigueiros e das colméias. Segundo Lévy:

*O desenvolvimento da comunicação assistida por computador e das redes digitais planetárias aparece como a realização de um projeto mais ou menos bem formulado, o da constituição deliberada de novas formas de inteligência coletiva, mais flexíveis, mais democráticas, fundadas sobre a reciprocidade e o respeito das singularidades. Nesse sentido, poder-se-ia definir a inteligência coletiva como uma inteligência distribuída em toda parte, continuamente valorizada e sinergizada em tempo real. Esse novo ideal poderia substituir a inteligência artificial como mito mobilizador do desenvolvimento das tecnologias digitais.<sup>8</sup>*

Na nova realidade, a mesma mensagem pode atingir milhões de pessoas que se encontram dispersas geograficamente. Tecnicamente, a interconexão de redes dá corpo, então, a uma espécie de 'inteligência coletiva', fundada sobre uma cooperação 'anárquica' de milhões de centros informáticos no mundo com a rede Internet, símbolo, neste momento, do grande meio heterogêneo e transfronteiriço que vem sumaria e repetidamente indicado como o 'espaço cibernético'. É um espaço onde a dimensão física não tem mais precedência. A inteligência coletiva que se desenvolve no espaço cibernético é um processo de crescimento que consegue ser ao mesmo tempo coletivo e diferenciado, geral e específico, expressando a fundamental convergência das novas tecnologias comunicativas. Nesse sentido, é uma inteligência distribuída em todo lugar, não segundo estratificações ou níveis hierárquicos fixos, móveis, mas coadunada em tempo real, capaz de mobilizar todas as competências disponíveis e, por isso, com capacidade de 'negociar' constantemente a ordem das coisas, de desafiar qualquer fixismo dogmático, de reinterpretar continuamente a linguagem, a memória, o papel de cada um enquanto nada é dado, nada é fixo, tudo é aberto a todos e passível de ser usado por todos.

Para Lévy, os coletivos humanos, enquanto tais, podem ser ditos inteligentes. Mesmo o psiquismo é, desde o início, e por definição, coletivo: trata-se de uma multidão de signos-agentes em interação, carregados de valores, investindo com sua energia em redes móveis de paisagens mutáveis. "Os coletivos humanos são espécies de megapsiquismos, não apenas por serem percebidos e afetivamente investidos por pessoas, mas porque podem ser adequadamente modelados por uma topologia, uma semiótica, uma axiologia e uma energética mutuamente imanentes."<sup>9</sup>

Lévy<sup>10</sup> fala de uma nova "virada" capital. A imagem via satélite de nosso planeta, as informações que nos chegam por uma quantidade de redes mundiais de captadores, os modelos informatizados que integram esses dados, as simulações que nos deixam adivinhar as reações da Terra, sua história, a inimaginável intimidade de sua vida de uma infinita lentidão, opaca, enorme e dispersa, tudo isso faz aos poucos surgir, ou ressurgir, o espírito dos humanos uma nova deusa, Antropia, em lugar da figura arcaica de Gaia. Segundo ele, é essa sensação vertiginosa de mergulhar no cérebro comum e dele participar que explica o entusiasmo pela Internet.

*Navegar no ciberespaço equívale a passear um olhar consciente sobre a interioridade cáptica, o ronomar incansável, as banais futilidades e as fulgurações planetárias da*

*inteligência coletiva. O acesso ao processo intelectual do todo informa o de cada parte, indivíduo ou grupo, e alimenta em troca o do conjunto. Passa-se então da inteligência coletiva ao coletivo inteligente.*<sup>11</sup>

Apresenta-se aqui, contudo, novamente a contradição. Vários aspectos negativos se fazem presentes, em particular o risco de deixar no acostamento da auto-estrada uma parte desqualificada da humanidade. Mas os aspectos positivos, parece-nos, superam em longe os perigos. Lévy enfatiza que não se pode diabolizar o virtual. Devemos saber escolher entre diferentes concepções de virtual:

*A alternativa é simples: ou o ciberespaço reproduzirá o midiático, espetacular, o consumo de informações mercantis e a exclusão numa escala ainda mais gigantesca que hoje... essa é a tendência natural das 'supervias da informação' ou da 'televisão interativa'. Ou acompanhamos as tendências mais positivas e criamos um projeto civilizatório centrado sobre os coletivos inteligentes: recriação do vínculo social mediante trocas de saber, reconhecimento, escuta e valorização das singularidades; democracia mais direta, mais participativa; enriquecimento das vidas individuais; invenção de formas novas de cooperação aberta para resolver os terríveis problemas que a humanidade deve enfrentar, disposição das infra-estruturas informáticas e culturais da inteligência coletiva.*<sup>12</sup>

Isso junto com o enriquecimento do patrimônio comum, uma cooperação competitiva, educação contínua do gosto e do senso crítico, valorização do julgamento pessoal, preocupação com a variedade, encorajamento à imaginação, à inovação, à pesquisa livre. Seria uma grande contribuição para a solução de alguns dos numerosos problemas cruciais do mundo contemporâneo!

A conclusão a que se chega é que o problema não é decidir entre ser a favor ou contra a inteligência coletiva, mas escolher entre suas diferentes formas. Emergente, ou imposta de cima! Respeitosa das singularidades ou homogeneizante inteligência que valoriza e põe em sinergia a diversidade dos recursos das competências, ou que os desqualifica em nome de uma racionalidade ou de um modelo dominante!

## DESAFIOS E IMPLICAÇÕES DA ERA DA COMUNICAÇÃO

Após termos tentado vislumbrar essas novas realidades, pretendo, tendo consciência dos riscos que se corre, discutir algumas questões que se apresentam como contraditórias, às vezes, e que nos abrem espaço para que possamos, com coragem e criatividade, interferir na construção dessa nova sociedade.

## Quem Vai Preencher o Ciberespaço

Vimos na primeira parte de nossa discussão que, admiravelmente, estamos diante, hoje, pela primeira vez na história, de um espaço praticamente infinito. A linguagem digital e o espaço virtual propiciaram um continente 'virtualmente' infinito.

É evidente que muitos já correram para preenchê-lo. Uma análise das últimas 'aglomerações', ou alianças, mostram por onde caminham as forças desse novo mundo. O jornalista Zucconi,<sup>13</sup> por exemplo, já em 1996, anunciava o colossal "casamento do século" entre Bill Gates e Ted Turner, com o título: A TV Rainha Casa-se com o Rei dos Computadores. Mesmo que a notícia não fosse confirmada, o que se esconde por trás de tal fato é que a rede planetária estava numa procura espasmódica de conteúdos no sistema televisivo. O que não foi possível lá, tornou-se possível agora, na primeira semana do novo milênio, com junção da America Online - AOL - e o grupo Time Warner. A reportagem da *Veja*,<sup>14</sup> ao analisar a junção e falar das vantagens do novo grupo sobre a Microsoft de Bill Gates, faz o seguinte comentário que resume toda a questão: "Bill Gates transferiu para Steve Balmer o comando da Microsoft. A empresa está associada à AT&T para internet em alta velocidade. 'Nenhuma das duas tem conteúdo para oferecer'". Isto é, elas têm, e são, continentes, mas não possuem conteúdo. O novo grupo, porém, a AOL-Time Warner, é o resultado de uma empresa que se especializou em continentes, e já tinha incorporado a Netscape e a CompuServe. A Time Warner era resultado da Warner, dos cinemas e da música, que se juntou à Time, das revistas *Time* e *Life*, e que juntas já tinham comprado a CNN, o maior canal de televisão, responsável por notícias e programas televisivos: juntou-se o continente ao conteúdo.

O que parece certo é que se descobriu algo fundamental. O verdadeiro problema se chama 'conteúdo'. Os continentes já estão aí, em escala planetária, eficientes, rápidos, em tempo real, em vídeo e em áudio. Faltam os conteúdos. Os continentes estão vazios. Milhões de sapatos, mas sem pés. À caça de conteúdos, a AOL bate às portas da Time Warner, e de repente, como contrapartida, nasce a aliança entre os dois gigantes. A eletrônica, a informática, a telemática, a Internet, a 'realidade virtual' de hoje são todas coisas maravilhosas, perfeitamente funcionais muito além das velhas, clássicas 'ficções' do espaço e do tempo. A grande questão, agora, é o que se vai dizer, pois pode-se ter redes e espaços infinitos, mas se não se tem nada a dizer! Serão a perfeição do nada.



Serão mesmo a perfeição do nada? Aqui está a questão.

Entra em jogo aqui uma séria contradição. Como vimos acima, conhecíamos, historicamente, duas formas de comunicação: a comunicação individual e a comunicação coletiva. Uma nova forma está se apresentando e se impondo rapidamente: a comunicação digital. O meio define aqui a situação comunicativa, que a modifica e que eventualmente a constrói. Público e privado, individual e coletivo, são categorias já insuficientes, destinadas a explodir. A relação de interação e de aquisição de conhecimento na comunicação digital se mostra substancialmente mudada. Enquanto os meios de comunicação de massa tinham construído seu sucesso sobre valores típicos da modernidade – universalismo dos valores e dos sentimentos, cultura acessível a todos, alfabeto universal, igualdade horizontal – a comunicação digital parece nascer e se desenvolver nas ruínas dos sistemas globais omni-inclusivos, massificados e padronizados, pós-comunitários e cosmopolitas. Com os novos meios caem as dicotomias tradicionais e configuram-se novas co-presenças. Numa palavra: a rede é planetária, mas o conhecimento é individual, interativo, pessoal, sintético.

Enquanto os velhos meios distanciavam a pessoa de sua própria cotidianidade, tinham uma função mais onírica, anestésica, os novos meios chegam, por assim dizer, a nossa casa; afirmam certo paralelo com a experiência cotidiana por meio da recriação da realidade em termos inéditos, isto é, pela realidade virtual. Os antigos meios se baseavam na verossimilhança; a comunicação digital supera a verossimilhança, e o que tem valor decisivo é, em vez disso, uma realidade nova, sintética, interativa: é uma realidade também não concreta, mas virtual.

A grande questão e a grande contradição: no espaço cibernético todos poderiam, e por enquanto são, cibercibers, navegadores, dirigentes; todos poderiam ser autores. Acabaria assim a autoria individual. Ninguém saberia de onde vem a mensagem nem quem seria o autor. O espaço físico não seria mais importante. Seriam várias inteligências amalgamadas.

Aqui a primeira e grande contradição: onde estão os novos cibercibers? quem embarcará nessa nova e desafiante aventura?

Entre a Homogeneização e o Pluralismo Cultural: o enfrentamento da telépolis

Uma segunda, e importante, contradição apresenta-se no momento em que sentimos o mundo e a realidade 'comprimidos', reduzidos a menos que uma aldeia, a um quarto com computador. Como pensar e

organizar a 'nova cidade', sem fronteiras, de um lado, mas que garanta a identidade e a soberania dos diversos povos e nações?

As novas tecnologias da comunicação estão gerando um mundo sem qualquer fronteira espacial ou temporal. Se analisarmos a história da humanidade, perceberemos que as fronteiras sempre foram empecilhos para uma realização mais plena dos seres humanos. As fronteiras são de dois tipos: naturais e artificiais. Setas gigantescas, rios, desertos, oceanos, florestas, são fronteiras naturais que os seres humanos foram pouco a pouco superando. Todavia existem, em diversas sociedades, outros tipos de barreiras que impedem as pessoas de se relacionarem, como a xenofobia, as guerras, a proibição de entrar ou sair dos países. E mesmo dentro dos próprios países há barreiras como castas, guetos, racismos, sexismos, discriminações sociais etc. Temos, hoje, muitos exemplos de barreiras de todos os tipos que continuam a instigar a virulência entre povos e pessoas, com a criação de muros visíveis e invisíveis.

Fala-se hoje na criação da Telépolis, isto é, a cidade sem fronteira (Echeverría, 1995). Seria uma cidade sem território e planetária, com programas para sua realização extremamente sofisticados e que deveriam ser postos em prática com prudência. A adesão a essa cidade deveria ser voluntária, tomando em consideração tanto a liberdade individual como o pluralismo.

A grande questão que se apresenta aqui é: tal cidade promoveria, de fato, um pluralismo, ou estaria favorecendo uma homogeneização, no sentido que uma cultura dominante tenderia a suprimir as outras, provocando o desaparecimento de infinitas outras formas de convivência humana?

Permanece a questão sob diversas formas: em primeiro lugar, damos conta de que tal situação de 'mundanização' já está presente, queiramos ou não. Temos, então, de enfrentá-la para tirar dela o melhor proveito. Permanecer entrincheirados nos guetos de velhas culturas de 'quarteirão', sem uma abertura aos novos sinais e tecnologias, não teria mais nenhum sentido. Em segundo lugar, temos de tomar consciência de que temos uma nova tarefa, e cabe a nós o dever e a responsabilidade de sermos os construtores da cidade que queremos, dentro dessa nova realidade. Vivemos já uma cidade telepolítica, queiramos ou não. É necessária uma ação concreta, onde se tentará integrar as diferenças individuais e potencializar o pluralismo. Permanecer à mercê dos acontecimentos significa obrigar milhões de pessoas a uma "pertença coagida", a certo tipo de manipulação e massificação impingida acrítica

e impiedosamente sobre nós. Permanecendo as coisas como estão, corremos já um risco de homogeneização cultural.

Mas devemos também ter a coragem de levantar a seguinte questão: não há, também, nos dias de hoje, uma tentativa de homogeneização ao contrário, em que determinados feudos, igrejas, grupos fechados, impedem às pessoas de emigrar culturalmente? Talvez seja por isso que os fundamentalistas de todas as culturas sejam radicalmente contrários à telepresença em seus feudos e impeçam a emigração física ou mental de seus fiéis e súditos.

### A Inculturação do Evangelho na Nova Cidade

Essa parece-me ser a questão mais urgente e imprescindível. Como tornar o Evangelho presente na realidade virtual, no ciberespaço, dentro da nova comunicação digital? como 'inculturar' o Evangelho na nova Telépolis? Tarefa imensa e desafiadora para os jovens de hoje. Seria arriscado até mesmo dizer que estamos diante de um desafio semelhante ao que se apresentou aos cristãos que viviam a iminente queda do Império Romano: ir aos bárbaros. Com a diferença de que os 'bárbaros', hoje, são bem diversos dos bárbaros dos primeiros séculos da era cristã: analogamente falando, os 'bárbaros' agora somos nós...

Primeiramente, temos de ter presente que o Evangelho é uma mensagem, e, como tal, não se identifica com nenhuma 'embalagem', isto é, com nenhuma cultura. Se é bem verdade que o Evangelho, como mensagem, não pode ser apresentado sem uma embalagem, isto é, fora de uma cultura, também é verdade que ele nunca se reduz a uma cultura e extrapola todas elas.

Ora, estamos hoje diante de uma nova cultura, pode-se dizer. Há indícios suficientes, como tentamos mostrar até aqui, de que o novo milênio trouxe consigo novidades no mínimo desafiantes. Abre-se aqui um leque fantástico de possibilidades que, do meu ponto de vista, têm tudo a ver com 'um novo modo' de apresentação do Evangelho. Por exemplo, discutimos acima o novo estatuto da realidade virtual e do processo de virtualização. Não seria possível traçar um paralelo, uma analogia, entre a realidade virtual e a questão da mensagem e da fé? Não seria por acaso que a fé é sempre uma virtude? Entendo a virtude como essa prática de potencialização de qualquer situação. Partir de uma realidade dada, problematizá-la por meio da virtualização, e tirar dela novas manifestações, novas vivências, novas maneiras de ver, sentir, amar.

A mensagem do Evangelho é mesgotável, apesar de ser sempre uma realidade. Mas é uma realidade diferente, virtual, que contém em si, em germe, infinitas alternativas de realização, de atualização, de tornar-se ato, ação salvífica. Uma realidade, como diria S. Paulo, que sofre dores de parto, que está ansiosa por gerar novos mundos e novas vivências. Serres, 1994, em seu livro *Atlas*, discute uma nova civilização ligada à informática e à mutação das comunicações. Ele ilustra o tema do virtual como "não-presença". Quais, para ele, seriam os 'continentes' dessa virtualização? Fatores como a imaginação, a memória, o conhecimento, a 'religião' e todo o universo simbólico: todos esses fatores já dispensavam a presença, muito antes das redes digitais do ciberespaço.

Trago essa citação propositalmente, pois aqui está de um lado a semelhança, e do outro a potencialidade, do fenômeno religioso. Ao discutirmos hoje a realidade virtual, não nos damos conta de que ela exatamente sobre uma realidade como essa que nós vínhamos, ou podíamos, trabalhar. As reflexões atuais sobre essa realidade nos mostram sua importância e atualidade.

### Informatização, Democracia e Cidadania

Há um outro ponto interessante ao qual se deveria acenar numa discussão sobre informatização e novo milênio: como ficam a democracia e a cidadania diante de fenômenos como os novos meios, a realidade virtual, o ciberespaço etc?

Entre possibilidades impensáveis de novos negócios, entre entusiasmados e maníacos cibernautas e gaviões predadores do poder, a revolução digital não tem limites. Todo dia vemos anúncios que vão desde *cd-rooms* com a *Bíblia* em diversas línguas e com diferentes comentários, até as obras completas de Shakespeare nas onze principais edições críticas; da reprodução digital dos Museus do Vaticano até viagens virtuais às regiões mais recônditas da Amazônia ou dos recessos do Louvre.

Transpondo tudo isso ao campo do social e do político, não seriam possíveis sondagens, em tempo real, para opinarmos sobre ações do governo, tanto comunitário como nacional, por referenduns e plebiscitos? Não se poderia falar, também, de uma democracia virtual?

Se a telecracia, por intermédio da participação passiva imediata, do bombardeio contínuo de sons e imagens, não nos permite assumir uma distância crítica, como é possível mediante dos textos escritos (livros, jornais etc.), representa o fim da democracia liberal que se pretendeu

criada a partir da própria cidadania; os novos meios, a Internet, os hipertextos, o correio eletrônico, os fóruns telemáticos, permitem não apenas a recuperação do texto escrito, mas uma extraordinária proliferação de micro editoriais, pois permitem a qualquer um que tenha uma conta num servidor ligado a Internet, ou um endereço eletrônico, publicar, isto é, colocar na rede um texto, um livro, uma história, um artigo que podem ser lidos em todo o mundo. É, diferentemente do escritor tradicional, o escritor digital pode receber mensagens e cartas, imediatamente, de seus leitores.

O grande pavor dos que discutem a problemática comunitária e a possibilidade de uma nova cidadania é a possibilidade de que ocorram os mesmos erros que ocorreram no passado. Mas parece que tais fantasmas, ao menos por enquanto, não se fazem presentes. Isso não quer dizer que a longo prazo não corramos o risco. Atualmente, contudo, até acesso gratuito à Internet está sendo propiciado, sempre, porém, sob a égide dos grandes grupos econômicos que patrocinam tal acesso, contanto que nos sujeitemos a sua publicidade e propaganda. É, no nosso entendimento, porém, ao menos no presente momento, que a potencialidade de informação que venha por baixo, das periferias, para se tornar planetária – das pequenas comunidades do Brasil, da Bolívia, das Filipinas ou do México – a um ponto tal que possam fazer ciente e comunicar a todo o mundo as próprias notícias, as próprias lutas e sofrimentos, e receber de comunidades mais poderosas informações e solidariedade, essa potencialidade de uma comunicação neo-convivial, fraterna, de diálogo, é extremamente grande e possível, e seria uma enorme omissão desprezar novas linguagens e novos fluxos de intercâmbio, de cultura, de criatividade, de interatividade, de cooperação. Pensemos em novos grupos que se possam organizar, em fóruns, em arquivos de notícias alternativas.

É bem verdade que não podemos desprezar alguns pesadelos apocalípticos como uma saturação de informações, ou mesmo uma implosão dos sistemas de informação, uma confusão babélica de imundícies: uma confusão babélica de materiais à disposição. Quando se tem tudo, na verdade não se tem nada. Além disso, há o perigo da supressão de determinados idiomas, que seriam tragados por Golias devoradores.

Mas o que gostaríamos de ressaltar é a possibilidade real de uma nova democracia, onde todos se sentem e onde todos tenham voz e vez. Dos gregos herdamos a democracia e a cidadania. Para resolver os problemas da cidade, eles se sentavam na praça. É verdade que apenas os

homens, e os homens livres, podiam se sentar aí, ficando de fora as mulheres e os escravos. Mas não era suficiente sentar na praça para ser considerado cidadão. Era cidadão apenas o que se levantasse e falasse, isto é, expressasse seu projeto de planejamento e construção da cidade. Ele tinha necessidade de colaborar com seu pensamento, suas sugestões, para ser cidadão. Pensemos agora nos dias de atuais. O que nos impede de convidar a todos, indistintamente, a sentar-se na nova 'agora', a praça universal do ciberespaço, onde todos estariam convidados a dizer sua palavra, expressar sua opinião, manifestar seu pensamento? Essa é uma realidade virtual, e depende de nós fazê-la atual. Já são muitas as experiências nesse sentido. As prefeituras que trabalham com o Orçamento Participativo, por exemplo, caminham nessa direção. O que é necessário hoje é a superação de uma democracia representativa, onde as pessoas são convidadas a votar em alguém, de quatro em quatro anos, e após isso esquecer sua responsabilidade de acompanhamento e vigilância. A democracia participativa, contudo, é muito diferente: a todo o momento os cidadãos são chamados a dizer sua palavra, a sentar-se na praça e falar. A possibilidade para que as pessoas possam exercer seu direito, estão presentes. Falta apenas atualizá-las.

Um último ponto a ser lembrado no que se refere à questão da democracia e cidadania é a questão das 'redes cívicas', que oferecem preponderantemente serviços sociais, culturais, informativos, em geral gratuitamente. É a comunidade, com todos seus serviços e informações, *on line*: guia para os restaurantes da cidade, serviços e consultas médicas, notícias de última hora, bibliotecas, escolas, pontos de lazer, serviços religiosos, serviços de aconselhamento, serviços de transporte, mapa da cidade, pontos turísticos, pessoas que voluntariamente prestam determinados serviços, enfim, uma infinidade de possibilidades que se colocam à disposição dos habitantes ou dos visitantes de uma cidade. Em 1992, uma cidade da Áustria com 300.000 habitantes já possuía um jornal eletrônico que era lido por mais de 10.000 pessoas diariamente, oferecendo, além dos serviços, tudo o que interessasse aos habitantes de Vorarlberg.<sup>15</sup>

## CONCLUSÃO

Que devem pensar, diante de tais realidades, pessoas que têm como meta trabalhar para o estabelecimento de uma sociedade justa, ética, solidária, participativa?

Creio que ao menos algumas pequenas lições podem ser tiradas das discussões estabelecidas acima, guiadas pelas pessoas que pensam essa nova realidade.

Uma primeira, e para mim central, é que duas coisas são sempre temidas, e apresentadas como contraditórias, por todos os pensadores éticos de nossos dias: o perigo de que alguém se apodere ou do continente, ou do conteúdo, ou da informação.

O perigo da apropriação do continente é manifestado pelo temor da existência de novas 'supervias eletrônicas', isto é, grandes conglomerados que iriam restringir, ou até mesmo suprimir, as possibilidades de todos poderem 'andar', 'navegar', por essas quase que infinitas estradas. Fala-se de acesso gratuito à Internet. Será que essa possibilidade irá continuar? até quando? não será uma nova armadilha, parecida com a usada quando queremos tornar alguém viciado em determinado produto, sejam drogas, comidas, refrigerantes etc., onde primeiro se oferecem os produtos gratuitamente, para depois começar a cobrar por eles, quando se tornarem quase indispensáveis às pessoas?

Já o perigo da apropriação do conteúdo é mais sério e mais presente. A comunicação é um dos direitos humanos. Não apenas o direito humano à informação, isto é, o direito de ser o mais imparcialmente informado e de poder buscar a informação em qualquer lugar; mas também o direito humano à comunicação, que vai muito mais além, e que é o direito de poder dizer minha palavra, expressar meu pensamento, manifestar minha opinião. A comunicação, pela Constituição brasileira, é um serviço público, como o são o telefone, os correios, as estradas. A tarefa principal e fundamental dos meios de comunicação é estabelecer o debate entre as pessoas, serem a nova "agora", onde todos possam se manifestar. Mas não é exatamente isso que acontece em nossa sociedade. Alguns se 'apropriaram' dos meios, e agem como se fossem 'donos'. Essa é a questão que se apresenta para nós hoje: esse novo mundo da informação que se faz presente, será, de fato, um serviço público, onde todos os cidadãos poderão ser 'cibernetas', percorrer livremente as supervias e mais, poder expressar seu pensamento, ser construtores, criadores, inventores da comunicação, e não apenas usufruidores, ou consumidores, desse ciberespaço?

O principal investimento, hoje, deveria ser na preparação de cibernetas, coletivos inteligentes, produtores e criadores de comunicação, pessoas com criatividade e coragem de atualizar virtualizações, abrir novas veredas. Isso seria muito mais importante, certamente, que investir em líderes carismáticos que levam (manipulam!)

multidões, com processos e atitudes espetaculares, em nada diferentes de comunicadores sensacionalistas que lançam mão de tudo para poder fazer crescer o 'Ibope'!

Um segundo ponto que se poderia deduzir das discussões acima é a importância de se pensar o novo, de 'ir aos bárbaros'. As coisas não estão prontas. Muita coisa do que foi discutido ainda está em gestação; existe em estado virtual. Será atual se nele apostarmos. Como pessoas que acreditam e são utópicas, temos toda garantia de que chegaremos lá. É verdade que tudo contém sua contradição. Mas é entre contradições, percalços, zonas precárias e incompletas que caminhamos. É preciso apostar.

Finalmente, chamaria a atenção para algo que para mim está relacionado com os coletivos inteligentes, como discutidos por Lévy, e que eu relacionaria com a questão da comunidade. Grande número de filósofos éticos que discutem, hoje, o futuro da sociedade, refere-se à comunidade como a instância onde muitas das "irrationalidades globais" que hoje vivemos, poderiam ser contestadas e superadas. Santos, 1996, por exemplo, fala das "comunidades interpretativas", como sendo os grupos humanos que conseguem criticar a situação presente, interpretar os sinais e sugerir alternativas de superação. Apel, 1984, fala das "comunidades de comunicação", instâncias comunitárias capazes de discutir e reagir contra essas 'irrationalidades'. Mesmo o pensamento de Habermas, 1989, ao insistir na importância do "mundo da vida", em contraposição às organizações burocráticas que tentam "colonizar" esse mundo da vida, está, de fato, mostrando a importância de voltarmos a dar valor à comunidade, o local onde é possível "ser chamado pelo nome", ter voz e ter vez, manifestar seu pensamento e intervir no planejamento da cidade. Não seriam exatamente esses os 'coletivos inteligentes' capazes de interpor novas direções à avalanche de comunicação e informação despejada pelos oligopólios da nova Telépolis?

Até aqui pude chegar. Pessoalmente estou convencido de que algo novo está sendo parido. E algo profundamente novo. Algo que virá modificar qualitativamente o mundo atual. O que se sabe ao certo é que isso se dará no campo da comunicação. A informação é, hoje, o grande fator de produtividade. Os investimentos estão todos se dirigindo para lá. Mas essa produtividade não se refere apenas à economia. Quem pensa num mundo mais democrático e participativo, mais justo e solidário, deve também saber que isso não será possível sem que se lance mão, ou ao menos se tenha em consideração a importância da informação: a informação é também um fator de produtividade de democracia e solidariedade.

## Notas

- <sup>1</sup> Cf. Lévy, 1997, p. 11.
- <sup>2</sup> Cf. Thompson, 1995, para a discussão sobre 'quase interação mediada', mudança na concepção do que é 'público' e 'privado' hoje, a 'mediação da cultura moderna'.
- <sup>3</sup> Cf. Frias Filho, 2000, p. 2.
- <sup>4</sup> Cf. Ferrarotti, 1997, p. 193.
- <sup>5</sup> Cf. Sartori, 1997, p. 32.
- <sup>6</sup> Cf. Lévy, 1996, p. 16.
- <sup>7</sup> Cf. Lévy, 1996, p. 17.
- <sup>8</sup> Cf. Lévy, 1996, p. 96.
- <sup>9</sup> Cf. Lévy, 1996, p. 109.
- <sup>10</sup> Cf. Lévy, 1996, p. 117.
- <sup>11</sup> Cf. Lévy, 1996, p. 118.
- <sup>12</sup> Cf. Lévy, 1996, p. 117-8.
- <sup>13</sup> Cf. Zucconi, 1996, p. 8.
- <sup>14</sup> Cf. Galuppo, 2000, p. 100.
- <sup>15</sup> Cf. Sartori, 1997, p. 33.

## Referências bibliográficas

- ACEC, ANNCI, ISCOS. *Nel Cibermondo: quale uomo*. Roma: Università Pontificia Salesiana, 1995.
- APEL, K. O. The situation of humanity as na ethical problem. *Praxis International*, n. 4, 1984.
- CASTELLS, M. *A era da informação: a sociedade em rede*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.
- DELEUZE, G. *Différence et répétition*. Paris: PUF, 1968.
- ECHVERRIA, J. *Telepolis: la nuova città telematica*. Roma: Laterza, 1995.
- FARR, R. *Ratzes da psicologia social moderna*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- FERRAROTTI, F. *La perfezione del nulla: promesse e problemi della rivoluzione digitale*. Milão: Feltrinelli, 1997.
- FRIAS FILHO, O. Uma só mídia. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 17 fev. 2000.
- GALUPPO, R. Nova economia: o mouse que ruge. *Veja*, São Paulo, 19 jan. 2000.
- HABERMAS, J. *Consciência moral e agir comunicativo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- LÉVY, P. *O que é virtual*. São Paulo: Editora 34, 1997.
- . *L'intelligenza collettiva: per un'antropologia del cyberspazio*. Milano: Feltrinelli, 1996.
- SANTOS, B.S. *Pela mão de Alice*. São Paulo: Cortez, 1996.
- SARTORI, G. *Homo videns: televisione e post pensiero*. Roma: Laterza, 1997.
- SERRES, M. *Atlas*. Paris: Julliard, 1994.
- THOMPSON, J. B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- ZUCCONI, V. La TV regina sposa il re dei computer. *La Repubblica*, 16 jul. 1996.

Abstract: *the text contains an analyses of the passage into the new millennium as it reflects a "new world".... where there is talk of the "new human being". It focuses on the "virtual reality", "collective intelligence" as components that lead us into "new possibilities of existence". In the second part of the article it encounters he challenge of making the Gospel known in the virtual reality and finally he text tries to relate this new reality with a "possibility of a new democracy".*

Key words: *communication, faith, democracy, internet.*

## A REATIVAÇÃO PAPAL DA DOCTRINA SOCIAL E SUAS LACUNAS, SEGUNDO JEAN-YVES CALVEZ

Hubert Lepargneur\*

Resumo: *Calvez completou uma obra de comentários da doutrina social por um livro intitulado 'Os silêncios da doutrina social católica'. Isso nos proporciona uma oportunidade para situar o ensino social de João Paulo II e refletir sobre a natureza da doutrina social elaborada pela Igreja. Como reagir diante dos novos desafios do liberalismo financeiro, da globalização? estará em questão o próprio capitalismo? Temos ainda muito por fazer para que a reflexão teológica devidamente informada possa acompanhar a evolução socioeconômica sem clericalismo obsoleto ou moralismo intempestivo, tendo alguma perspectiva de influenciar para melhor.*

Palavras-chave: *doutrina social da Igreja, João Paulo II, Liberalismo.*

À expressão 'doutrina social da Igreja', a mais tradicional, alguns preferem 'doutrina social cristã' e o especialista Pe. Calvez sugere "Implicações Sociais do Cristianismo". De fato, essa construção agora centenária na sua formulação mais oficial, na sua parte doutrinal (não digo na sua prática) deve quase tudo à Igreja Católica. Após um balanço-resumo dessa doutrina nos pronunciamentos ou encíclicas de João Paulo II, o Pe. Calvez, 1999, estuda quatro itens principais, num precioso pequeno livro intitulado *Os silêncios da doutrina social católica: a questão do emprego, o liberalismo financeiro, a questão do capitalismo e os direitos humanos e a democracia*. Acharnos mais conveniente organizar as

\* Doutor. Teólogo moralista camiliano. Assessor doutrinário da ADCE de São Paulo e do Centro Universitário São Camilo de São Paulo.